

UMA LACUNA NO ENSINO DO SISTEMA VERBAL PORTUGUÊS: A AUSÊNCIA DA CATEGORIA GRAMATICAL ASPECTO NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA.

Thaís Franco de PAULA
Universidade Federal de Minas Gerais
thaisfrancodepaula@yahoo.com.br

Sueli Maria COELHO
Universidade Federal de Minas Gerais
su.coelho@uol.com.br

Resumo: Este trabalho vem discutir uma categoria gramatical sobre a qual as gramáticas tradicionais e, conseqüentemente, as aulas de português não versam (ou versam de maneira indireta), a saber, a categoria de aspecto, que está ligada ao verbo. Embora o conceito expresso pelo verbo possa ser dimensionado de diferentes formas por meio das categorias verbais - que são em número de seis: aspecto, tempo, modo, voz, pessoa e número -, o ensino de Língua Portuguesa considera apenas as cinco últimas categorias verbais e desconsidera o aspecto, categoria que define a duração do processo verbal. Mostraremos em dois livros didáticos do Ensino Médio que estão entre os mais usados na Rede Estadual de Ensino que noções aspectuais aparecem apenas de forma indireta. Acreditando que nossos alunos entenderiam com mais propriedade e facilidade o emprego dos tempos e modos verbais se a categoria aspecto não fosse negligenciada como é, comparamos, em duas turmas de terceiro ano do Ensino Médio, uma metodologia tradicional de ensino do pretérito perfeito e do pretérito imperfeito com uma metodologia que traz noções aspectuais. Os resultados advogam a favor da inclusão da categoria verbal aspecto nas aulas de Língua Portuguesa.

Palavras-chave: Ensino; Gramática; Categoria Gramatical; Aspecto verbal.

1. Introdução

Tempo, modo, pessoa, número e voz são categorias verbais bastante discutidas em nossas aulas de Língua Portuguesa. Mas o que dizer da categoria aspecto? Em 1985, Travaglia inicia seu livro “O aspecto verbal no português”, um dos principais trabalhos sobre essa categoria na Língua Portuguesa, alertando-nos para o fato da pouca atenção que tem sido dada à categoria de aspecto. Quase 30 anos se passaram e a realidade parece não ter mudado muito. O aspecto continua sendo uma categoria pouco cotejada, inclusive no âmbito acadêmico. 100% (num universo de 10 informantes) dos professores perguntados por nós sobre o que é o aspecto verbal não souberam defini-lo. O objetivo deste trabalho é, pois, apresentar a realidade da categoria verbal aspecto no ensino do português e defender o fim da subalternização dessa categoria, mostrando como uma metodologia que inclua tal categoria pode dar resultados satisfatórios na compreensão dos tempos e modos verbais e, conseqüentemente, na compreensão textual.

1.1 O aspecto verbal

Embora pouco cotejado, o aspecto é também uma das categorias verbais do português e se destina a expressar a duração da ação verbal, conforme evidencia as palavras que se seguem de Castilho (1969). Segundo esse autor as categorias verbais atualizam

o processo virtualmente considerado, definindo-lhe a duração (**aspecto**), localizando-o numa data ou perspectiva (**tempo**), esclarecendo a interferência do sujeito falante (**modo**) ou o papel a ele atribuído (**voz**), bem como sua relação com o ouvinte e o assunto (pessoas assim distribuídas: primeira pessoa, sujeito falante; segunda pessoa, ouvinte; terceira pessoa, o assunto) e quantidade dessas entidades (**número**). (CASTILHO, 1969, p.14, grifo nosso)

Para verificar como se dá o tratamento do aspecto nos livros didáticos, um de nossos objetivos aqui, precisamos conceituar essa categoria.

O aspecto, como reconhece Comrie (1976, p.1), é uma categoria que tende a ser menos conhecida pelos estudantes de Linguística que outras categorias como tempo e modo. Por ser o tempo uma categoria bem mais conhecida que o aspecto e por aquele estar intimamente relacionado a este, é praticamente unânime a preferência dos autores de partir das noções de tempo e dêixis para conceituar aspecto. Dêixis é a capacidade da língua de designar os referentes por meio da sua localização no tempo e no espaço, sendo o falante o ponto de referência. O tempo refere-se à localização do fato enunciado relativamente ao momento da enunciação; são, de modo geral, as noções de presente, de passado, de futuro e suas subdivisões. Os autores concordam que tempo e aspecto são ambas categorias temporais, mas diferem um do outro, pois o tempo é dêítico, situando o momento da ação em relação ao momento da fala, ao passo que o aspecto é não-dêítico, referindo-se à situação em si, ao tempo interno da ação. Vamos explicitar isso com base em um exemplo retirado de uma entrevista sociolinguística representativa do dialeto mineiro que compõe o *corpus* do “Projeto Mineirês, a construção de um dialeto - O dialeto belo-horizontino”.

(1) (...) eu fiz cursinho uma segunda vez e aí passei nas Ciências Médicas e tô fazendo Medicina lá.(...)

Quando o falante disse “fiz” e “passei”, ele expressa que as ações de “fazer” cursinho e de “passar” no vestibular ocorreram antes do momento em que ele está situado temporalmente. Há, portanto, marcas da categoria de tempo, pois os fatos recebem um tratamento baseado na dêixis. Quando diz “tô fazendo” ele expressa não só a referência ao tempo em que a ação de fazer ocorre em relação à fala, mas também expressa o desenvolvimento dessa ação, havendo aí, portanto, marcas da categoria de aspecto. Em “fiz” e “passei”, além das marcas de tempo há também marcas de aspecto, pois indicam ações totalmente concluídas, sem se ater a nenhuma de suas fases. Trata-se, portanto, do aspecto perfectivo. Já em “tô fazendo”, tem-se o aspecto imperfectivo.

Comrie (1976) apresenta um conceito de aspecto com base na relação tempo e dêixis: “aspecto são as diferentes maneiras de ver a constituição temporal interna da situação” (COMRIE, 1976, p. 3, tradução nossa)¹. Esse autor também distingue tempo e aspecto

¹ aspects are different ways of viewing the internal temporal constituency of a situation

dizendo que o tempo é um tempo externo à situação e o aspecto é um tempo interno à situação. (p. 5, tradução nossa)².

Castilho (1968), bem como Costa (2002), tratam do aspecto como a representação espacial do processo/fato. Para Castilho (op. cit.), “o aspecto é a visão objetiva da relação entre o processo e o estado expressos pelo verbo e a idéia de duração ou desenvolvimento. É, pois, a representação espacial do processo” (p.14). Travaglia (1985) comenta que essa representação ou atualização espacial do processo deve-se ao fato de o aspecto localizar a situação dentro do espaço temporal de sua ocorrência.

Travaglia (op. cit.) percebeu que as fases de uma situação podiam ser tomadas de diferentes pontos de vista, organizou diferentes subconjuntos de fases conforme o ponto de vista considerado e descobriu haver três pontos de vista diferentes: o do desenvolvimento da ação (início, meio e fim), o do completamento da ação (situação completa e situação incompleta), e o da realização da ação (por começar, começada ou não acabada e acabada). A partir daí Travaglia (op. cit.) apresenta o conceito de aspecto que tomaremos para este trabalho:

Aspecto é uma categoria verbal de TEMPO, não dêitica, através da qual se marca a duração da situação e/ou suas fases, sendo que estas podem ser consideradas sob diferentes pontos de vista, a saber: o do desenvolvimento, o do completamento e o da realização da situação. (TRAVAGLIA, 1985, p.53).

Com base nestes três pontos de vista, Travaglia propõe o seguinte quadro com as noções aspectuais e os aspectos do português:

NOÇÕES ASPECTUAIS		ASPECTOS		
I. DURAÇÃO	1. Duração	A. Contínua	a. Limitada b. Ilimitada	DURATIVO INDETERMINADO
		B. Descontínua	a. Limitada b. Ilimitada	ITERATIVO HABITUAL
	2. Não-Duração ou Pontualidade			PONTUAL
	II. FASES	1. Fases de Realização	A. Por Começar A'. Prestes a Começar (ao lado do aspecto há uma noção temporal)	
B. Não-Acabado ou Começado			NÃO-ACABADO OU COMEÇADO	
C'. Acabado há pouco (ao lado do aspecto há uma noção temporal) C. Acabado			ACABADO	
2. Fases de Desenvolvimento		A. Início (no ponto de início ou nos primeiros momentos)		INCEPTIVO
		B. Meio		CURSIVO
		C. Fim (no ponto de término ou nos últimos momentos)		TERMINATIVO
3. Completamento	A. Completo		PERFECTIVO	
	B. Incompleto		IMPERFECTIVO	
Ausência de noções aspectuais			Aspecto não atualizado	

Quadro 1: Quadro das noções aspectuais e dos aspectos proposto por Travaglia (1985, p. 97)

² situation-internal time (aspect) and situation-external time (tense)

Agora, já conhecendo as noções aspectuais e os aspectos do português, podemos passar à análise de como essa categoria é tratada nos dois livros didáticos selecionados para análise.

2. O aspecto nos livros didáticos

Para verificar a abordagem da categoria de aspecto no ensino de Língua Portuguesa, selecionamos dois livros didáticos do Ensino Médio que estão entre os mais utilizados na Rede Estadual de Ensino de Minas Gerais, a saber: (i) *Português linguagens*, volume 2, de William Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães (2005); e (ii) *Português de olho no mundo do trabalho*, volume único, de Ernani Terra e José de Nicola (2005). Como prevíamos, não verificamos referência explícita à categoria de aspecto nos livros didáticos; há, no estudo das flexões de tempo no modo indicativo, apenas menção a noções que são nitidamente aspectuais, como veremos adiante.

Começamos nossa análise por Cereja e Magalhães (2005). Já na conceituação de verbo vemos a sobreposição da categoria tempo às demais categorias: “Verbos são palavras que exprimem ação, estado, mudança de estado e fenômenos meteorológicos, **sempre em relação a determinado tempo**”. (p. 143, grifo nosso). O ensino de Língua Portuguesa fecha os olhos para o fato de que uma ação ou uma mudança de estado podem ter uma duração, ou seja, podem atualizar a categoria de aspecto. Leva-se em conta apenas que uma ação, um estado, uma mudança de estado ou um fenômeno meteorológico ocorreram antes, durante ou após o momento da enunciação. Essa “subalternização do Aspecto” é vista por Maria Helena Mira Mateus *et alii* (1983) como injustificável, já que o português é das poucas línguas em que a oposição aspectual SER X ESTAR encontra-se lexicalizada. Por isso, muitos de nossos alunos só tomam consciência dessa diferença aspectual nas aulas de língua inglesa, quando descobrem que essa língua apresenta apenas uma forma (o “to be”) para representar as duas formas que temos, o SER e o ESTAR.

Nos livros didáticos consultados não há referência explícita ao termo aspecto, para tentar conceituá-lo e descrevê-lo. Essa categoria não aparece mesmo entre as demais categorias verbais, como veremos a seguir em Cereja e Magalhães (2005) e também em Terra e Nicola (2005):

Flexão dos verbos

Os verbos flexionam-se em número, pessoa, modo, tempo e voz.

Fonte: *Português linguagens*, volume 2, de William Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães (2005), p. 143.

O VERBO

Verbo é a palavra variável em pessoa, número, tempo, modo e voz que exprime um processo, isto é, aquilo que se passa no tempo (ação, estado, mudança de estado, fenômeno da natureza, existência, desejo, conveniência).

Fonte: *Português de olho no mundo do trabalho*, volume único, de Ernani Terra e José de Nicola (2005), p. 246.

Vamos verificar agora as referências indiretas à categoria de aspecto, encontradas no estudo das flexões de tempo no modo indicativo, em Cereja e Magalhães (2005). Tais referências indiretas aparecem no tópico “Flexões de tempo e modo no indicativo” do capítulo 16. Sublinhamos no texto dos autores os trechos que fazem referência indireta à categoria de aspecto:

Flexões de tempo no modo indicativo

Os tempos do modo indicativo são:

- **presente:** expressa uma ação que está ocorrendo no momento em que se fala ou uma ação que se repete ou perdura:

Nós *moramos* aqui.

- **pretérito:** subdivide-se em:

— **pretérito perfeito:** transmite a idéia de uma ação completamente concluída:

Eu *joguei* bola ontem.

— **pretérito imperfeito:** transmite a idéia de uma ação habitual ou contínua ou que vinha acontecendo, mas foi interrompida por outra:

Ele sempre me *visitava* aos domingos. (ação contínua)

Nós *fechávamos* a porta quando as visitas chegaram. (ação interrompida)

— **pretérito mais-que-perfeito:** expressa a idéia de uma ação ocorrida no passado, mas que é anterior a outra ação, também passada:

Quando ele saiu, eu já *fizera* minha lição.

Fonte: *Português linguagens*, volume 2, de William Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães (2005), p. 143.

Cereja e Magalhães (2005) referem-se ao aspecto ITERATIVO ao falar em “ação que se repete” e ao aspecto DURATIVO ao falar em ação que “perdura”. Ao dizerem que “o pretérito perfeito transmite a idéia de uma ação completamente concluída” (p.144, grifo nosso), os dois autores trazem à tona a noção de completamento, que se refere ao aspecto PERFECTIVO, conforme o quadro de Travaglia (1985) acima. Ao dizerem que o pretérito imperfeito “transmite a idéia de uma ação habitual ou contínua” (p.144, grifo nosso), referem-

se ao aspecto HABITUAL³ e ao aspecto DURATIVO, conforme o quadro de Travaglia (1985).

Em Terra e Nicola (2005), também encontramos referências indiretas à categoria de aspecto:

O presente do indicativo também é usado para:

- exprimir uma verdade científica, um axioma:

A Terra é redonda.

Por um ponto **passam** infinitas retas.

- exprimir uma ação habitual:

Aos domingos não saio de casa.

- dar atualidade a fatos ocorridos no passado:

Cabral **chega** ao Brasil em 1500.

- indicar fato futuro bastante próximo, quando se tem certeza de que ele ocorrerá:

Amanhã **faço** os exercícios.

pretérito perfeito – exprime um fato já concluído anteriormente ao momento em que se fala.

Ontem eu reguei as plantas do jardim.

pretérito imperfeito – exprime um fato anterior ao momento em que se fala, mas não o toma como concluído, acabado. Revela, pois, o fato em seu curso, em sua duração.

Ele falava muito durante as aulas.

Terra e Nicola (2005) referem-se ao aspecto HABITUAL quando dizem que o presente do indicativo é usado para exprimir uma ação habitual. Referem-se ao aspecto ACABADO ou PERFECTIVO quando falam que o pretérito perfeito exprime um fato já concluído anteriormente ao momento em que se fala. Quando dizem que o pretérito imperfeito exprime um fato anterior ao momento em que se fala, mas não o toma como concluído, revelando, assim, o fato em curso, em sua duração, referem-se aos aspectos CURSIVO, DURATIVO e IMPERFECTIVO.

A partir das conceituações de pretérito perfeito e de pretérito imperfeito desses dois livros didáticos, podemos relacioná-los aos aspectos PERFECTIVO e IMPERFECTIVO, respectivamente.

Segundo Travaglia (1985), o aspecto PERFECTIVO

é caracterizado por apresentar a situação como completa, isto é, em sua totalidade. O todo da situação é apresentado como um todo único, inalisável, com começo, meio e fim englobados juntos. Não há tentativa de dividir a situação em suas fases de desenvolvimento. É como se a situação fosse vista de fora, em sua globalidade. (TRAVAGLIA, 1985, p. 96).

³ Alguns autores, como Costa (1997), não consideram o habitual como aspecto, mas como consequência da iteração.

e o aspecto IMPERFECTIVO

é caracterizado por apresentar a situação como incompleta, isto é, não temos o todo da situação e, por isso, normalmente ela é apresentada em uma de suas fases de desenvolvimento (...) [Ao] contrário do que ocorre no perfectivo, é como se a situação fosse vista de dentro, enfocando-se não o seu todo. (TRAVAGLIA, 1985, p. 96).

Como percebemos pela análise dos livros didáticos, o ensino de Língua Portuguesa desconsidera o aspecto, pois não leva em conta que a ação, o estado ou o fenômeno descritos pelo verbo podem ter uma duração interna. Isso constitui uma lacuna no ensino do sistema verbal da nossa língua. Acreditamos que se essa lacuna não existisse o aluno entenderia com mais propriedade e facilidade o emprego dos tempos e modos verbais. Então, para verificar essa hipótese, propusemos um teste: estudar, com base em uma metodologia que leve em conta a categoria de aspecto, a diferença entre o pretérito perfeito e o pretérito imperfeito do indicativo, que é basicamente aspectual como vimos acima. Se ambas as formas do pretérito, perfeito e imperfeito, localizam o evento num tempo anterior ao tempo da enunciação, o que as diferencia é a duração da ação nesse tempo, a forma como a situação é apresentada: se completa (pretérito perfeito) ou incompleta (pretérito imperfeito).

3. O aspecto na sala de aula

Para verificar nossa hipótese segundo a qual o aluno entenderia com mais propriedade e facilidade o emprego dos tempos e modos verbais se a categoria de aspecto não fosse negligenciada no ensino de língua materna, selecionamos duas turmas de 3º ano do Ensino Médio de perfis semelhantes em uma escola da rede estadual de ensino de Belo-Horizonte. Em uma turma analisamos a diferença entre o pretérito perfeito e o pretérito imperfeito do indicativo com base na ideia aspectual de duração da ação, levando em conta os traços [+ ou – durativo]. Na outra turma tomamos como ponto de partida o conceito tradicional que aparece nas gramáticas tradicionais e nos livros didáticos, o qual nos parece bem mais confuso para o aluno. Além de verificar no decorrer da aula qual metodologia teria melhor aceitação pelos os alunos, buscamos, por meio da aplicação de exercícios, quantificar qual metodologia obteria melhores resultados.

Na turma I, estudamos a diferença entre o pretérito perfeito e o pretérito imperfeito com base nas noções aspectuais de duração. Mostramos aos alunos que as ações expressas pelo verbo, além de poderem se situar no passado, no presente ou no futuro, ou seja, acontecerem antes no momento da enunciação, durante o momento da enunciação ou num momento futuro em relação à enunciação, podem ter uma duração interna. Mostramos que o pretérito perfeito e que o pretérito imperfeito são ambos formas de passado, cuja principal diferença está na duração interna da situação. O pretérito imperfeito expressa a temporalidade interna do fato, não sendo possível percebê-lo como um todo (Ele saía às 6h); ao passo que o pretérito perfeito (Ele saiu às 6h) expressa o fato referido como global, não apresentando a constituição temporal interna da ação. Apesar de também ter uma duração interna, dizemos que o pretérito perfeito é menos durativo que o pretérito imperfeito. Expondo em teoria, o que não foi feito em sala de aula por motivos didáticos, podemos comparar o pretérito perfeito ao aspecto PERFECTIVO e o pretérito imperfeito ao aspecto IMPERFECTIVO. Seguindo a

explicação, os alunos receberam um exercício com 15 sentenças para que seus verbos fossem classificados em pretérito perfeito e pretérito imperfeito.

Na segunda turma, estudamos a diferença entre os dois tempos verbais com base no conceito que aparece na maioria dos livros didáticos. Transcrevemos para os alunos o conceito que está em Terra e Nicola (2005), mas os outros autores não diferem muito disso:

pretérito perfeito – exprime um fato já concluído anteriormente ao momento em que se fala.

Ontem eu **reguei** as plantas do jardim.

pretérito imperfeito – exprime um fato anterior ao momento em que se fala, mas não o toma como concluído, acabado. Revela, pois o fato em seu curso, em sua duração.

Ele **falava** muito durante as aulas.

(TERRA e NICOLA, 2005, p. 249).

Como na turma I, após a explicação, aplicamos o exercício.

Comparando as duas aulas, a explicação com base na categoria de aspecto parece ter tido maior aceitação. O comentário de uma aluna para o professor da turma que acompanhou o nosso teste foi o seguinte: “Olha aí, professor, porque você não explicou assim? É bem mais fácil”. Além das impressões aparentes, os dados obtidos com a correção dos exercícios revelam que a turma I teve melhor aproveitamento que a turma II. Enquanto a turma II, que se baseou nas explicações tradicionais, teve 86% de aproveitamento, a turma I, que se baseou nas noções aspectuais, teve 90% de aproveitamento. A turma I também obteve melhor resultado nos exercícios de leitura que apresentaremos a seguir.

Sabemos da pouca relevância de exercícios meramente gramaticais; a gramática precisa ser entendida como um meio para se chegar à organização, à estruturação e ao entendimento dos textos. Ela precisa auxiliar nas finalidades comunicativas, ajudando o indivíduo a atuar linguisticamente de maneira adequada para seu entendimento. Não há, portanto, como negar o vínculo entre leitura e gramática.

Vinculando a noção gramatical de aspecto com as habilidades de leitura, mostraremos como a escolha de recursos gramaticais - como a seleção de um tempo verbal ou de outro para marcar diferentes aspectos - é determinante no efeito de sentido do texto.

As relações entre recursos expressivos (no nosso caso um recurso gramatical) e efeitos de sentido é, inclusive, um dos tópicos da Matriz de Referência do Sistema Nacional da Educação Básica – SAEB. O descritor 19, do tópico V (Reconhecer o efeito de sentido decorrente da exploração de recursos ortográficos e/ou morfosintáticos), avalia a habilidade do aluno em identificar o efeito de sentido decorrente das variações relativas aos padrões gramaticais da língua. Pensando nas questões aspectuais envolvidas entre os pretéritos perfeito e imperfeito, que já comentamos acima, a escolha de um desses tempos causa diferenças semânticas em enunciados; então, identificar os diferentes efeitos de sentido provocados pelo uso desses diferentes tempos verbais deve ser uma habilidade dos estudantes do 3º ano do ensino médio.

O descritor 19 diz que “mais do que identificar a estrutura sintática apresentada, vale discernir sobre o efeito discursivo provocado no leitor” (p.69). Se no primeiro exercício os alunos precisaram apenas identificar em qual tempo o verbo estava, no segundo exercício, levando-se em conta a consideração acima do descritor 19, o aluno foi solicitado a identificar os diferentes sentidos decorrentes do uso do pretérito perfeito ou do pretérito imperfeito.

Para isso elaboramos três questões. Na primeira delas o aluno foi solicitado a identificar a diferença de sentido entre dois trechos que se diferenciavam pela troca de tempo dos verbos:

- (a) O mergulhador Homero Higino de Souza Filho, de 37 anos, consertava (consertou) uma tubulação de petróleo na Bacia de Campos, no Rio de Janeiro, a 293 metros de profundidade, quando ela explodiu.
- (b) O mergulhador Homero Higino de Souza Filho, de 37 anos consertou uma tubulação de petróleo na Bacia de Campos, no Rio de Janeiro, a 293 metros de profundidade, quando ela explodia.

Esperávamos que o aluno fosse capaz de depreender dois sentidos diferentes que decorrem de diferentes noções aspectuais de duração dos verbos sublinhados nos trechos (a) e (b). Em (a), o verbo *consertar* no pretérito imperfeito (IMPERFECTIVO, DURATIVO, NÃO-ACABADO, CURSIVO) indica uma ação de duração mais longa que o verbo *explodir* no pretérito perfeito (PERFECTIVO, PONTUAL, ACABADO). Já em (b) o verbo *consertar* fica menos durativo que em (a) por passar para o pretérito perfeito, e o verbo *explodir*, que é pelo próprio semantema PONTUAL, passa a apresentar uma duração interna. Esperávamos, então, que o aluno dissesse que em (a) o mergulhador praticava a ação de consertar quando aconteceu o fato da explosão. E que em (b) o mergulhador praticou a ação de consertar durante a duração da explosão. O aluno poderia falar ainda que no mundo real a interpretação de (b) é improvável. Nas turmas I e II o percentual de acertos dessa questão foi de apenas 39% e 16% respectivamente. Esse resultado pode nos apontar uma falta de habilidade ou prática dos alunos em raciocinarem sobre as questões de duração da ação verbal.

Na questão 2, o aluno foi solicitado a ler dois trechos semelhantes e a escolher o que lhe parecia mais adequado para compreensão e entendimento. Em um não havia coerência entre os tempos verbais, o que causava incompatibilidades aspectuais.

- (a) Dava-se que o Pedrinho esteve jogando bola no jardim e, ao emendar a bola de bico por cima do travessão, a dita foi de contra a uma vidraça e despedaçava tudo. Pedrinho botava a bola debaixo do braço e sumia até a hora do jantar, com medo de ser espinafado pelo pai. Quando o pai chegava, perguntava à mulher quem havia quebrado o vidro e a mulher dizia que foi o Pedrinho, mas que o menino esteve com medo de ser castigado, razão pela qual ela temeu que a criança não confessasse o seu crime.
- (b) Deu-se que o Pedrinho estava jogando bola no jardim e, ao emendar a bola de bico por cima do travessão, a dita foi de contra a uma vidraça e despedaçou tudo. Pedrinho botou a bola debaixo do braço e sumiu até a hora do jantar, com medo de ser espinafado pelo pai. Quando o pai chegou, perguntou à mulher quem havia quebrado o vidro e a mulher disse que foi o Pedrinho, mas que o menino estava com medo de ser castigado, razão pela qual ela temia que a criança não confessasse o seu crime.

O resultado desse exercício foi mais satisfatório que o anterior. Houve 93% de acertos na turma I e 68% de acertos na turma II. Esse exercício mostra explicitamente a relação entre gramática e leitura, a importância da aplicação adequada dos princípios gramaticais para que haja compreensão. A maioria dos alunos soube localizar na leitura as marcas linguísticas inadequadas que comprometeram a clareza textual.

O exercício 3, mais parecido com o primeiro exercício, pedia que o aluno identificasse nos dois trechos seguintes as diferenças de sentido decorrentes do uso do pretérito perfeito em um e do pretérito imperfeito em outro.

(a) Pedrinho botou a bola debaixo do braço e sumiu até a hora do jantar, com medo de ser espinhafrado pelo pai.

(b) Pedrinho botava a bola debaixo do braço e sumia até a hora do jantar, com medo de ser espinhafrado pelo pai.

Em (a) o pretérito perfeito do verbo *botar* marca os aspectos PERFECTIVO, PONTUAL, ACABADO. O verbo *sumir*, mesmo estando no pretérito perfeito, como o verbo *botar*, tem sua marcação aspectual influenciada pelo adjunto adverbial *até a hora do jantar*, que o torna mais durativo que o verbo *botar*. O uso do pretérito imperfeito em (b) atualiza não apenas o aspecto ITERATIVO, mas também os aspectos DURATIVO, NÃO-ACABADO, CURSIVO, IMPERFECTIVO. Esperávamos que os alunos percebessem que em (b) a ação de botar a bola debaixo do braço e sumir até a hora do jantar é mais durativa que em (a), uma duração que a torna, inclusive, iterativa. Os alunos poderiam falar em ação que se realiza com frequência em (b), ao contrário do que acontece em (a). Para esse exercício o índice de acertos da turma I foi de 43% e o da turma II, 63%.

A turma II obteve resultado melhor que a turma I apenas nesse exercício. De modo geral, a turma I, que trabalhou com noções aspectuais para diferenciar o pretérito perfeito do pretérito imperfeito, obteve aproveitamento maior. Mesmo assim acreditamos que, em se tratando de alunos da etapa final do Ensino Médio, os resultados da avaliação leitora poderiam ser melhores. Os resultados evidenciam como a ausência do tratamento da categoria de aspecto no ensino de língua portuguesa podem comprometer o desenvolvimento de habilidades de compreensão de texto. Quando se fazem vistas grossas para o aspecto, uma propriedade que é intrínseca aos verbos do português, cria-se, evidentemente, uma lacuna no sistema verbal e no entendimento efetivo do aluno sobre essa classe de palavras que é tão importante na construção e no entendimento do texto.

3. Conclusão

Este trabalho teve o intento tanto de discutir uma categoria verbal que não é ensinada nas nossas aulas de língua portuguesa, quanto de mostrar como a inserção dessa categoria no ensino de português auxiliaria no entendimento dos tempos e modos verbais e na compreensão textual. Os testes realizados com os alunos do Ensino Médio mostraram que a diferença entre os pretéritos perfeito e imperfeito foi mais bem compreendida pelos alunos que a estudaram levando em conta os traços de aspecto [+ ou – durativo].

Por isso, defendemos que a marcação do aspecto é um recurso gramatical importante na estruturação e na compreensão dos textos. Os resultados revelam que não há como negar o vínculo entre gramática e leitura. A marcação do aspecto verbal na língua é o meio pelo qual o falante marca a duração do fato que quer expressar. Precisamos, portanto, repensar a subalternização do aspecto no ensino da língua portuguesa.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Ministério da Educação. PDE: Plano de Desenvolvimento da Educação: SAEB: ensino médio : matrizes de referência, tópicos e descritores. Brasília: MEC, SEB; Inep, 2008.
- CASTILHO, A. Introdução ao estudo do aspecto verbal na língua portuguesa. *Alfa*, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Marília. São Paulo: Marília, 1967, p. 13-44.
- CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, Thereza Cochar. *Português: Linguagens*. Vol. 2. São Paulo: Atual, 2005.
- COMRIE, Bernard. *Aspect: an introduction to the study of verbal aspect and related problems*. Cambridge : Cambridge University Press, 1976, p.1-15.
- COSTA, S. B. B. *O aspecto em Português*. São Paulo: Contexto, 2002, p. 11-29.
- MATEUS, Maria Helena Mira et alii. Gramática da Língua Portuguesa. Coimbra, Almedina, 1983.
- PROJETO MINEIRÊS A CONSTRUÇÃO DE UM DIALETO: o mineirês belo-horizontino. Banco de dados. Entrevista BH 02. Disponível em <http://www.lettras.ufmg.br/mineires/>
Acesso em: 11/03/12
- TERRA, Ernani e NICOLA, José de. *Português – de olho no mundo no trabalho – Volume único para o Ensino Médio*. 2. ed. São Paulo: Scipione, 2009.
- TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *O aspecto verbal no português: a categoria e sua expressão*. ed. rev. Uberlândia : Universidade Federal de Uberlândia, 1985, p.49-54.